

a política ocidental deve se pautar por esse vazio interior? Qual é portanto a substância do político, se ele é por essência destinado a esse *vacuum* jurídico? Enquanto não formos capazes de responder a essas questões, não poderemos tampouco responder a esta outra, cujo eco atravessa toda a história da política ocidental: o que é que significa agir politicamente?"

A VIRTUDE MAGNÂNIMA

Forbes encontra nos escritos do filósofo Ortega y Gasset o exemplo humano da exceção estruturante, criadora. O texto é *Mirabeau, ou o político* (Editora UNB), sobre este homem público francês do período da Revolução. O filósofo preambula seu *Mirabeau* com as seguintes palavras:

"Há muito tempo venho postulando uma higiene dos ideais, uma lógica do desejo. Talvez o que mais diferencie a mente infantil do espírito maduro seja que aquela não reconhece a jurisdição da realidade e deturpa as coisas com imagens desejadas. Sente o real como uma matéria mole e mágica, dócil às combinações de nossa ambição. A maturidade começa quando descobrimos que o mundo é sólido, que a margem de folga concedida à intervenção de nosso desejo é muito escassa, e que um pouco além dele levanta-se uma matéria resistente, de constituição rígida e inexorável. Então, começa-se a desprezar os ideais do puro desejo e a estimar os arquétipos, isto é, a considerar como ideal a própria realidade, no que ela tem de profundo e essencial" (p. 59).

Mirabeau inventou uma nova ordem, após o impasse da Revolução Francesa: a monarquia constitucional. Uniu o que antes parecia impossível. Ortega y Gasset o compara a César na genialidade política, e rebate o argumento de Joseph Chénier, que acusou Mirabeau de ser um líder sem virtude. Sensibilizam Chénier a honradez, a veracidade, a moderação sexual, que não foram atributos de Mirabeau. Ortega y Gasset não se comove: estas "são as virtudes da pusilanimidade" (p. 65). "É, certamente, mais fácil e óbvio não mentir que ser César ou Mirabeau", diz ele, por entender que para transformar a história são necessárias virtudes maiores, magnânimas.

Ortega y Gasset desacredita que o grande homem possa ater-se aos valores do homem comum: "Seria oportuno meditar sobre o fato, quase universal, de que 'não há grande homem com virtude'; entenda-se, com pequena virtude" (*ibidem*). Por isso, parece-lhe imoral a parcialidade de Chénier em favor do pequeno.

Ao ocupar-se de uma grande obra, Lacan, como Mirabeau, foi muito censurado em seus gestos menores. Uma de suas filhas o criticou publicamente, em nome da moral comum. Em livro ela relata, por exemplo, uma visita que o pai lhe fez no hospital: ele levou flores, sentou-se ao seu lado e abaixou a cabeça. Nesse momento, estaria pensando no seu seminário do dia seguinte, reclama ela.

Ortega y Gasset quer mostrar que não é possível julgar os pequenos gestos daqueles que são capazes de ações transformadoras. Os critérios cotidianos não podem valorar seus atos. Os melhores políticos são, portanto, aqueles que não se detêm por esses critérios. A impulsividade é a marca do grande homem:

Mirabeau "refletia depois de estar fora de si, envolvido com a ação. Nas pessoas não-impulsivas, o pensamento precede a ação, ou seja, questiona-se a própria ação, antecipando-a em forma de idéia. Isso implica em que a ação não seja decidida e executada senão depois de ter sido aprovada como idéia. Como as relações entre as idéias são muito complicadas, a pessoa não-impulsiva, a refletida, decide quase sempre não agir. Mirabeau não questionava seus atos salvo depois de se achar dentro deles, e seu pensamento servia somente para aperfeiçoar a execução" (p. 72).

Para Ortega y Gasset, há, afinal, os homens preocupados e os ocupados, intelectuais e políticos. Preocupado é o obsessivo, diz Forbes, inativo, *chato*. Já o político age sem a menor intenção de ser compreendido ou aceito, como Lacan. Diz Ortega y Gasset:

"Pensar é se ocupar antes de se ocupar, é se preocupar com as coisas, é interpor idéias entre desejar e executar. A preocupação extrema leva à apraxia, que é uma enfermidade. O intelectual é, com efeito, quase sempre um pouco doente. Por sua vez, o político é – como Mirabeau, como César – para começar, um magnífico animal, uma esplêndida fisiologia" (p. 73).

Ao político é vital a ação, que em nada depende da compreensão.